

## O cinema visto de Araraquara

---

(extractos de um texto de Ignácio de Loyola Brandão, retirado da Internet, para justificar esta ocupação de página da sétima arte)

"Foi através do cinema que comecei a tomar consciência dos outros países latino-americanos. Amávamos o México que nos vinha por meio de imagens do diretor de fotografia Gabriel Figueroa, o parceiro constante do diretor Emilio Fernandez, célebre pelos seus grandes planos de paisagens cobertas de nuvens. Imagens que certamente influenciaram a fotografia de Chick Fowle em "O Cangaceiro", um dos épicos brasileiros dos anos 50. Da Argentina vinham filmes com Libertad Lamarque. Ela não mostrava as pernas, mas conseguia o impossível com seu canto: prendia a nossa atenção.

O cinema era refúgio, lugar mágico onde nos escondíamos e nos afastávamos daquela pasmeira que era a vida interiorana. Araraquara não diferia das outras cidades. Vivíamos em pequenos feudos, cada cidade fechada em si, as comunicações eram difíceis, escassos os telefones. Nossa relação com o mundo era através da sessão de cinema e existia, em torno dela, um cerimonial. mais que isso. Ritual sagrado, do qual participava toda a cidade.

(?)

O cinema era a única diversão. A sala era o ponto de encontro, a exibição social, vitrine para os vestidos novos, sapatos, jóias, ternos. Meninos de 14 anos desajeitadamente enfiados, com gravata e tudo. E sapatos engraxados. Na tarde de sábado, íamos para o jardim público, à procura de engraxates. Os sapatos brilhavam. Chegava-se cedo, às 19h30m o cinema estava cheio. Os jovens sentavam-se do meio para a frente.

(?)

Na sessão das 20h as meninas ficavam sentadas, mantendo um lugar vago ao lado. Colocavam bolsa ou um casquinho. Tiravam o bolero e exibiam os ombros, ainda que algumas recebessem das mães o recado: "Pare com essa indecência". O lugar vago era para o namorado que, junto com outros rapazes, passava o tempo circulando pelos corredores. Uns já namoravam, outros ficavam na paquera - olhavam o lugar vago, perguntavam se estava ocupado; se a moça fosse com a cara do rapaz, dizia que estava livre, ele podia sentar-se.

(?)

No escuro, o tempo parava, como se estivéssemos numa nave espacial. Alimentávamos fantasias e delírios, ilusões e sonhos. O cinema nos atirava no infinito, era um tapete voador, droga, alucinógeno. Tudo mentira, mas como se mentia bonito, em technicolor, em cinemascope, em 3D. De Araraquara partíamos para o mundo, habitávamos Paris ou México, Bagdá ou Londres, África ou Moscou e terras misteriosas. Adoramos Maria Felix e dançamos ao som dos boleros Augustin Lara, aquele homem magro, com uma cicatriz, que nos levava à perplexidade"

*IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO é autor, entre outros, de "Zero", "Não Verás País Nenhum", "O Ganhador", obras a (re)ler neste momento da redescoberta do Brasil*